

As peles que habitamos...¹

Fernando de Tacca²

Que peles ou camadas habitamos em nossa vida social? Quantas camadas superpostas temos nos nossos papéis sociais do dia a dia? Quais são nossas peles ou nossas camadas? Qual a origem da necessidade de sentirmos essas múltiplas camadas?

O importante é o que a foto mostra ou o que ela não torna visível? Ou, ainda, o que lhe escapa e não podemos reter, aquilo que está fora da imagem? Penso que, mais do nunca, a imagem e, particularmente, a fotografia, nos dias de hoje, apresenta um lugar do indizível que escapa conotações superpostas, mesmo que traga consigo uma inércia indicial de quase dois séculos.

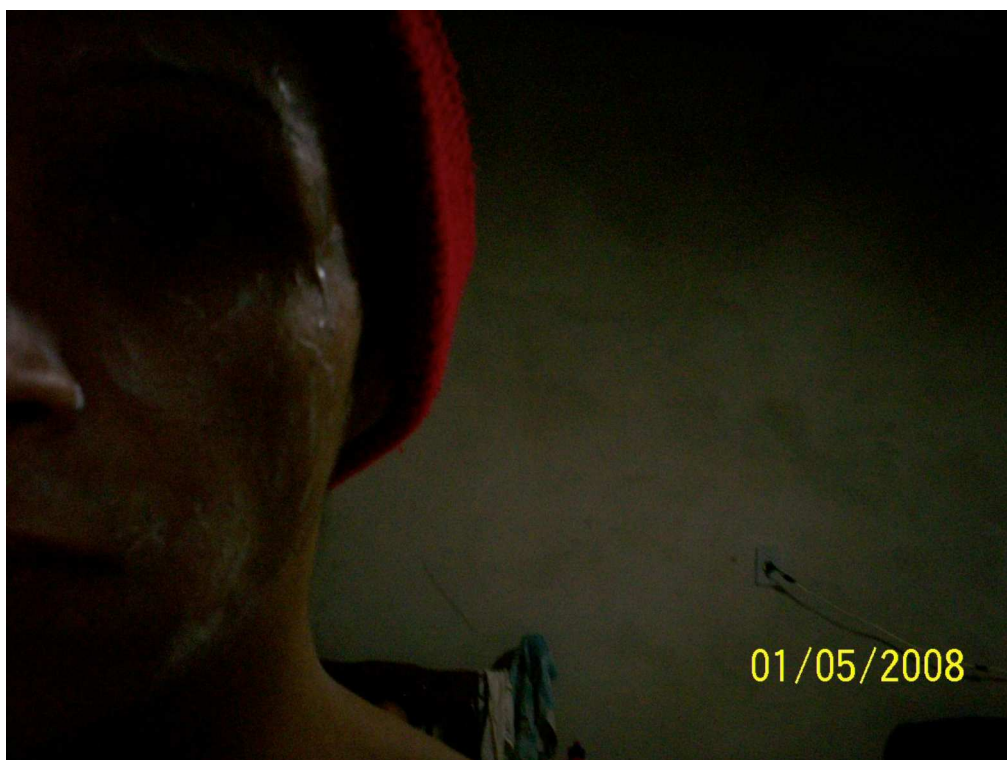
Como podemos nos aproximar da *persona*, como face externa da psique (Jung), em uma fotografia endógena de um sujeito em lugar de fronteira na sociedade? Quais as pulsões que levam um autorretrato, no qual uma parte se oculta e não se revela? Quais são suas peles e camadas? Quais são seus arquétipos de *anima* e *animus*, suas fronteiras de gênero?

Não tenho respostas claras para essas perguntas, mas somente indagações sobre um estado de estupor ou paralisação ao ver um autorretrato com tal força dramática, que nos importuna, de certa forma, ao mesmo tempo em que nos questiona. Existe um evidente desconforto na imagem, um desafio ao olhar. O ego realizador da imagem autorrepresentada não se mostra totalmente, não se deixa ver para um olhar ingênuo ou de passagem, talvez seja uma forma de resistência e de refúgio, ou ainda de mistério que nos diz: absorva-me ou te devoro.

¹ O título faz referência ao novo filme de Pedro Almodóvar: "La piel que habito" (2011), que trata de questões contemporâneas sobre gênero.

² Fernando de Tacca é fotógrafo e professor na UNICAMP. Foi contemplado com o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia (FUNARTE) nos anos 1984 e 2010, e com a Bolsa Vitae de Artes/Fotografia 2002. Em 2006 recebeu o Prêmio Zeferino Vaz de Reconhecimento Acadêmico e ganhou o Prêmio Pierre Verger de Ensaio Fotográfico (ABA). Em 2011 recebeu a Bolsa de Produtividade Científica na área de Artes do CNPq. Publicou dois livros: *A Imagética da Comissão Rondon* (Papyrus, 2001) e *Imagens do Sagrado* (Unicamp/Imesp, 2009). Atualmente reside na Espanha (2011) com bolsa FAPESP de pesquisa no exterior. Criador e editor da revista Studium.

A imagem que se dá a ver mostra um processo de transformação, algo que ainda não é, mas ao mesmo tempo se processa como o lugar do não visto, do não apresentável aos nossos olhos. A proximidade íntima da autorrepresentação impacta nossa sensibilidade e os resíduos faciais deixam inúmeras dúvidas sobre sua materialidade. Podemos exercitar nossa imaginação para muitos elementos físicos que podem ter textura e densidade semelhantes, com a camada residual na face visível, mas, perguntamos: isso é importante? A revelação de tal materialidade é importante para o significado da imagem? Parece-me que não, pois podemos significar pela materialidade, e estamos procurando o imaterial da imagem.



Assim, da mesma forma, o olho se esconde em uma grande mancha escura, como uma caverna natural produzida pela pouca luminosidade (não é um óculos escuros) e parece olhar para nós desse lugar; ele (o olhar) existe na profundidade do ser, e quem o quiser encontrar terá de habitar suas próprias peles e penetrar na escuridão de sua própria caverna.

A análise de autorrepresentações endógenas se esbarra em encontrar determinadas peles e camadas no ser que as habita, e, talvez, somente possamos nos aproximar conhecendo os seus desejos e pulsões, suas insatisfações e seus prazeres, suas angústias e seus êxtases.

Algumas imagens contêm propriedades e qualidades de sintetizar e condensar determinados fatos ou eventos sociais, pela sua capacidade crítica de deslocar nosso pensamento para o desconforto do indizível. Podemos explorar nosso afeto e nossa capacidade de compreensão do outro, ao deixarmos levar para o que seria essa tal caverna, ou seja, procurando nossas próprias cavernas inexploradas. O encontro com o outro, mesmo imagético, pode ser dialogicamente um encontro consigo mesmo, transformando os dois lados: de quem se mostra ou se esconde, e de quem tenta revelar, pois sem revelações não nos encontramos.

A imagem síntese tem tal potência de conjugar inúmeras outras imagens do mesmo contexto social, histórico ou psicológico, pois nela encontramos uma (des)ordem de possibilidades no processo de naturalização da imagem. São fotografias da ordem da indagação ou da imagem pensativa, como afirma Barthes. Estamos frente a uma imagem fotográfica com essa singularidade, que potencializa qualquer outra que esteja ao seu redor, ou seja, dentro do contexto da pesquisa na qual foi forjada.

O denso vermelho do gorro contrasta com as sombras da habitação, e nos traz sensações simbólicas de vida e de perigo, de existência e de sobrevivência. Oculta também uma aproximação natural com o rosto, pois sem os cabelos ficamos mais ainda distantes de um reconhecimento da *persona*. Sua boca fechada quase forçosamente, também aparece como barreira para penetração no ser que habita tais peles e camadas. Não é muito fácil lidar com nossa percepção, ao ficarmos olhando por muito tempo essa perturbadora imagem; algo perpassa o sombrio, e a imagem não é passível de compreensão pela descrição.

O que mais no indaga pode estar exatamente onde possamos encontrar respostas, no que não se dá a ver, na face oculta, ou no duplo que se esconde. Nesse lugar invisível mas complementar, talvez possamos tentar colocar nossa própria face, não como duplo, mas como sujeitos de uma mesma sociedade, na qual todos esses valores explícitos e implícitos são massacrados por valores morais que se sobrepõem na dominação ideológica das questões de gênero, afinal, qualquer lugar de fronteira sempre foi perigoso para os poderes institucionalizados.